

Governo Lula é podre e igual a todos anteriores.

Lula não passa de um mero gerente da grande burguesia, do latifúndio e serviçal do imperialismo.

EM MEIO À PODRIDÃO DO SISTEMA, AVANÇAR A LUTA DOS TRABALHADORES

A gerência Lula/FMI, tal qual os governos anteriores, se empenha no habitual e descarado “toma lá dá cá” no Congresso, com compra e venda de votos, para aprovar as reformas antipovo do velho Estado reacionário, buscando salvá-lo da decomposição e legitimá-lo como instrumento de perpetuação das classes dominantes a serviço do imperialismo.

Com a aproximação do processo eleitoral tem emergido sucessivas crises no governo e no PT, como expressa a eleição de Severino Cavalcanti para a presidência da Câmara e, mais recentemente, o escândalo do “mensalão”. São as víceras deste velho e podre Estado que são expostas à opinião pública e que agora arrasta o PT e seus principais dirigentes, entre eles o “todo-poderoso” José Dirceu. É o fim de uma farsa, uma invenção da imprensa monopolista de um PT vestal da moralidade e de uma enganosa ética na política.

Denúncias de corrupção, solenes compromissos de implacáveis combates ao roubo do dinheiro público, que sempre se renovam no novo escândalo que esconde o último, são para encobrir o roubo das riquezas do país e o cotidiano assalto aos direitos do povo, sistematicamente violado em seus interesses, crimes praticados pela grande burguesia e pelo latifúndio e encobertos pelos oportunistas (PT, PCdoB, etc).

São todos farinha do mesmo saco. Em conluio com os chefes da direita tradicional (PSDB, PFL, PMDB, PP, PTB, etc), já foram aprovadas as contra-reformas da previdência, tributária e do judiciário. Neste ano foram encaminhadas para votação no Congresso as contra-reformas sindical/trabalhista e universitária; empantanadas devido a crise política, mas o governo continua a desferir golpes nos trabalhadores, através de medidas provisórias.

As reformas antipovo sindical e trabalhista representam o mais profundo e covarde ataque aos direitos de organização e manifestação, aos



21 de abril de 2003 - Manifestação contra as “reformas” em Ouro Preto

direitos e garantias trabalhistas das massas trabalhadoras brasileiras, para assegurar ao capital a taxa de lucro na perspectiva de livrá-lo de sua crise. A “reforma” sindical, em especial, tem caráter declaradamente fascista. Visa subordinar o movimento sindical ao controle do Ministério do Trabalho e das cúpulas governistas da CUT e Força Sindical.

A greve nacional dos bancários em 2004, a maior da categoria, foi uma rebelião das massas contra as pelegas direções dos sindicatos filiados à CUT, que tentaram a todo custo impedir a luta dos trabalhadores. Esta combativa greve, como também a greve do funcionalismo público federal contra a “reforma” da previdência em 2003, são exemplos significativos do crescente repúdio das massas, da falência das direções sindicais oportunistas, governistas e traidoras, e também demonstram a enorme perspectiva de crescimento das correntes classistas, combativas e independentes no movimento sindical.

Estes setores devem opor um programa de resistência e lutas para derrotar as “reformas”.

Por outro lado, as correntes combativas no movimento sindical que ainda estão imiscuidas na política eleitoral, devem liberar-se destes projetos eleitoreiros e submeter tudo aos interesses da unidade e luta da classe operária.

Finalmente, o crescente desmascaramento do governo Lula/FMI e toda “esquerda” oportunista e eleitoreira é uma confirmação a mais para o povo de que essa farsa eleitoral não muda nada e que devemos boicotar todo processo eleitoral deste velho, decadente e podre Estado.

As massas resistem e sua luta jamais cessa. Em todos os conflitos salta aos olhos a combatividade do povo e a necessidade das massas se livrarem das direções oportunistas para se prepararem decisivamente para o combate.

Abaixo as reformas antipovo e pró-imperialista do governo FMI/Lula!

Viva a aliança operário-camponesa!

Viva a luta popular, classista e combativa!

Viva a luta classista e combativa!

VIVA A HERÓICA RESISTÊNCIA DO POVO IRAQUIANO!

Mais de 70 ataques diários são feitos pela guerrilha iraquiana contra os invasores e colaboradores. O crescimento da resistência popular iraquiana, que se iniciou desde que G.W. Bush decretou “o fim da guerra” em 2003 e se fortaleceu em 2004, tem obrigado o imperialismo ianque a uma série de recuos.

Em vez de mostrar ao mundo que o USA é invencível e que todos têm que se abaixar, a guerra de resistência do povo iraquiano demonstra aos povos do mundo que a

forma eficaz e verdadeira de combater o imperialismo é a luta armada, a guerra do povo particularmente a guerra de guerrilhas.

Por mais que os monopólios de comunicação do imperialismo chamem de terroristas as ações da guerrilha, todo mundo está vendo que a guerra de resistência do povo iraquiano é uma guerra justa, enquanto a agressão imperialista é uma guerra injusta.

Confirma-se mais uma vez que, na época do imperialismo, somente uma guerra do povo, sustentada e feita pelo povo, pelas amplas massas oprimidas de um país, pode levar a cabo e adiante a guerra de resistência, patriótica e de libertação nacional.

Assim, toda a luta de resistência no mundo, no Afeganistão, na Palestina, nos países onde se desenvolvem guerras populares como Nepal, Turquia, Índia, Filipinas, Peru; nos países onde se desenvolvem outras lutas armadas como na Colômbia; nas lutas e grandes revoltas populares que acontecem na América Latina e na Ásia; enfim, em todo o mundo a luta se vê fortalecida e estimulada pela heróica resistência iraquiana, que golpeia duramente o USA e sua coligação que atacam com todo o seu potencial.

Ainda que a contra-revolução, encabeçada pelos imperialistas ianques, mantenha sua ofensiva em escala mundial, sua situação é cada dia mais difícil e o avanço da resistência dos povos anuncia novos tempos, de grandes e tormentosas crises para o imperialismo e de grandes e prometedores combates dos povos.

O centro da crise geral do capitalismo é o próprio USA e sua economia; os sinais desta crise são cada vez mais fortes: déficit comercial crescente, aumento da dívida pública, inflação e desemprego em alta, o dólar caindo em todo o mundo. Para se manter frente às outras potências



Heróica Resistência Iraquiana infringe fortes e sucessivos ataques às tropas invasoras

necessita uma nova partilha do mundo, ampliar o controle das fontes de energia (petróleo principalmente), das reservas de matérias-primas, pelo controle dos mercados e da exploração da força de trabalho dos povos nos países dominados.

Está em curso uma nova escalada de guerras de agressão. A Síria e o Irã são os próximos alvos e Coréia do Norte e Venezuela são mantidos sob constante pressão. Todas as contradições fundamentais do mundo se agudizam e um novo conflito mundial entre as potências (a 3ª Guerra Mundial) está em marcha. Em contrapartida, está se dando um grande impulso da nova onda da revolução proletária mundial.

Tais acontecimentos fazem saltar à vista a necessidade de impulsionar um vigoroso movimento antiimperialista a nível mundial. O heroísmo dos povos iraquiano e palestino, que resistem nas mais duras condições à brutal ocupação imperialista-sionista, revela que é necessário e possível fazer muito mais do que se tem feito. Mostra como as lutas armadas revolucionárias em várias partes do mundo, com a resistência dos povos, estão enfrentando e dando combate ao inimigo comum dos povos.

Cada vez mais povos do mundo se irmanam no combate ao imperialismo, principalmente o ianque. Também o proletariado dos países imperialistas, crescentemente agredido em seus direitos, se mobilizará cada vez mais contra seus governantes e suas guerras de agressão, enfim contra todo o imperialismo.

Proletários de todos os países e povos e nações oprimidas de todo o mundo, uni-vos!

Viva a heróica resistência iraquiana e palestina!

Viva a luta dos povos no Nepal, Turquia, Peru, Filipinas e Índia e em todo mundo!

Abaixo a guerra imperialista!

Viva a luta popular e revolucionária em todo o mundo!

Preparar uma forte e massiva organização de base

Organizar os trabalhadores para lutar por suas reivindicações e também por destruir essa velha ordem que só traz misérias e sofrimentos e conquistar e construir um novo poder, onde quem trabalha, os operários e camponeses, é que mandem.

Para preparar a resistência é fundamental a organização dos trabalhadores nos locais de trabalho. A força fundamental do movimento operário reside no grau de organização dos trabalhadores, principalmente das grandes empresas, nas quais se concentra a parte predominante da classe, não só quanto ao número, mas também por sua influência, grau de desenvolvimento e capacidade de luta.

Cada local de trabalho deve converter-se numa fortaleza nossa. Para isso é necessário selecionar os companheiros mais capazes, mais combativos e organizar reuniões fora do alcance da patronal e das chefias para discutir com esses trabalhadores os problemas específicos e as demais questões da luta de classes. A realização de cursos de politização para esses companheiros é extremamente importante.

A persistência no trabalho de base que a primeira vista parecerá pequeno, é muito importante. Devido a situação de refluxo que o movimento operário ainda vive, a situação de crise econômica e desemprego, a grande massa de trabalhadores ainda não se pôs em movimento. Mas o futuro nos pertence e passo a passo nossa classe vai se levantando contra esse apodrecido sistema de exploração.

Estabelecer um Programa de Lutas para os trabalhadores brasileiros

A Liga Operária defende que o movimento sindical brasileiro estabeleça um programa de lutas que sirva para orientar planos de mobilização concreta dos trabalhadores.

Reafirmamos algumas bandeiras centrais:

- Luta contra o arrocho salarial.
- Luta pelo reajuste do salário mínimo para o valor necessário para suprir as despesas do trabalhador e sua família, estabelecido na Constituição e calculado pelo DIEESE
- Luta contra a privatização da Previdência e pela Previdência Pública com o controle dos trabalhadores.
- Luta contra as reformas antipovo sindical e trabalhista.
- Luta em defesa da educação e saúde públicas, construção de moradias populares, etc.

A REVOLUÇÃO AGRÁRIA É A ÚNICA FORMA DE TIRAR O PAÍS DA CRISE E O POVO DA MISÉRIA!

Tipo de propriedade	Tamanho da propriedade	Número de propriedades	Área total ocupada
Grande propriedade (latifúndio)	mais de 1000ha	55 mil (1%)	172 milhões ha (48%)
Média propriedade	menos de 1000ha e mais de 100ha	495 mil (9%)	111 milhões ha (31%)
Pequena propriedade II	menos de 100ha e mais de 20ha	1 milhão e 100 mil (20%)	53 milhões ha (15%)
Pequena propriedade I	menos de 20ha	3 milhões e 850 mil (70%)	21 milhões ha (6%)

Há 500 anos, desde a chegada dos portugueses, instituiu-se no Brasil o monopólio da terra. Ou seja, a terra sempre foi propriedade de um pequeno número de latifundiários e os camponeses pobres nunca tiveram acesso a terra.

Veja acima o quadro da concentração de terras no Brasil, de acordo com o censo agropecuário de 1985.

Pela tabela observa-se que 1% das propriedades rurais (apenas 55 mil propriedades pertencentes a 22 mil latifundiários) com mais de 1000ha, as propriedades latifundiárias, detêm quase a metade de toda terra agricultável (172 milhões de ha). Em contrapartida no outro extremo, os que detêm propriedades de até 100ha representam 90% dos proprietários e soma quase 5 milhões e detêm apenas 21% das terras tituladas. Dentro destas, os que possuem até 20ha representam 70% e possuem apenas 6% das terras. Seguramente não há país no mundo onde a concentração e monopólio da propriedade da terra se assemelhe à situação do Brasil.

A manutenção do latifúndio é a base da exploração do proletariado e das massas populares em países como o Brasil, onde se desenvolveu o capitalismo quando este, a nível mundial, já se encontrava em sua fase imperialista. Este capitalismo, que o Presidente Mao Tsetung definiu como capitalismo burocrático, se apóia entre outros fatores, na manutenção do latifúndio semifeudal.

A concentração de todas as terras nas mãos de uns poucos latifundiários leva o campesinato, submetido às mais cruéis condições de exploração no campo, a ser um exército de reserva de mão de obra barata para a burguesia nas cidades, nas obras, na indústria e no setor de serviços. Ao lado disso, sempre arruinada sobrevive heroicamente uma economia camponesa responsável pelo abastecimento de todos gêneros de primeira necessidade, numa verdadeira extorsão da cidade sobre o campo e do sistema financeiro e da indústria sobre a agricultura. Por isso os salários são tão baixos.

Enquanto o latifúndio, agora batizado de agronegócio, produz com alta tecnologia monoculturas para exportação em dólares, os pequenos camponeses alimentam a nação, e o preço de sua produção é mantido baixo pelos monopólios para não forçar a luta operária por aumentos de salários.

Estima-se que existam 4,5 milhões de famílias de camponeses pobres em terra. Só a expropriação de 22 mil proprietários, donos das

55 mil propriedades latifundiárias, aquelas com mais de 1000ha seria possível destinar 38ha a cada uma das famílias de camponeses pobres.

Uma verdadeira reforma agrária, com a destruição do latifúndio, a entrega de todas as terras para os camponeses pobres que nela vivem e trabalham, com construção de escolas e estradas, e liberação de créditos para os camponeses produzirem, revolucionaria toda a velha e arcaica estrutura secular do país criando um potente mercado interno.

Geraria milhões de empregos, aumentaria os salários, abaxaria os preços dos alimentos, acabaria com a exploração semi-escrava que acomete milhões de brasileiros. Todas as promessas de Reforma Agrária, renovadas a cada novo governo, são uma mentira. Com a gerência Lula-FMI não será diferente. A Reforma Agrária, como bandeira histórica do proletariado e campesinato brasileiros, não será obra desses governos e desse Estado, pois só pode ser alcançada por uma verdadeira revolução.

A saída é a Revolução Agrária, não só para os camponeses, mas para todo o povo. Ela será obra da aliança de operários e camponeses, lutando por aplicar o Programa Agrário e de Defesa dos Direitos do Povo. O Programa Agrário Revolucionário tem 3 pilares:

1. Destruição do latifúndio e distribuição das terras aos camponeses sem terra ou com pouca terra;

2. Libertação e desenvolvimento das forças produtivas no campo pela cooperação crescente entre os camponeses e pela utilização de novas técnicas e mecanização;

3. Exercício do poder político das massas nas áreas tomadas.

Este é o caminho revolucionário, o caminho da organização, mobilização e politização das massas camponesas, o caminho das Ligas e de amplas massas do movimento camponês que se descolam da direção dos oportunistas, que fazem movimentos de fachada, desarmam as massas camponesas, e fazem acordos e mais acordos com o governo, os quais nunca cumpre, nem jamais cumprirá!

Organizar o poder desorganizado das massas. Construir o poder popular passo a passo, do campo à cidade para implantar, em todo país, um governo de operários e camponeses. Para isto, realizar a revolução de Nova Democracia destruindo o latifúndio semifeudal, o capitalismo burocrático e a dominação imperialista.

Viva a revolução democrática, agrária e antiimperialista, ininterrupta ao socialismo!

Pela Nova Democracia, governo de operários e camponeses!



Avança a luta dos Camponeses Pobres pela destruição do latifúndio

ABAIXO A CUT TRAIIDORA E GOVERNISTA

Já no início do governo FMI-LULA fizemos categoricamente a denúncia da completa falência da CUT e a afirmação da necessidade inadiável do rompimento dos setores classistas com a CUT, comandada por uma direção pelega e governista. Logo os fatos se encarregaram de mostrar que estávamos com a razão.

Ficou muito claro, mesmo para aqueles que ainda resistiam em romper com a CUT, o papel de completa e total traição de sua cúpula. Só não viu e não vê isso aqueles que estão aboletados nos cargos do governo e da entidade ou professa inconfessáveis interesses eleitoreiros. Nesse período a CUT foi o principal instrumento utilizado pelo governo FMI/Lula para perpetrar sua política de arrocho contra os trabalhadores e de retirar direitos. A CUT fez o sujo papel de trair a greve dos servidores públicos federais, foi cúmplice no arrocho salarial (0,1%, isso mesmo, 0,1% é o índice que o governo FMI/Lula teve o desplante de oferecer para os servidores públicos federais). Foi cúmplice na aprovação do salário mínimo de fome de R\$ 300, na contra-reforma da Previdência, no conluio com os bancos para auferir porcentagens através dos empréstimos com desconto em folha de pagamento dos trabalhadores; nas medidas provisórias, como a 242, que retirou direitos dos trabalhadores afastados do serviço, aposentados por invalidez, atacou o direito a licença maternidade, etc.

Mas não é de agora a traição da cúpula da CUT. Quem não se lembra com indignação da greve nacional dos petroleiros, em 95, quando a CUT se negou chamar a greve geral para dar apoio aos petroleiros?

Hoje, no centro da crise política do país está ex-tesoureiro da CUT e atual tesoureiro do PT, Delúbio Soares e toda malta de dirigentes egressos da CUT que ocupam os mais altos cargos do governo. O Fórum Nacional do Trabalho, que reuniu em hotéis dos mais luxuosos de Brasília, toda corja de pelegos da CUT, Força Sindical e outras centrais, junto com empresários e outros membros do governo, para tramar contra os direitos sindicais e trabalhistas dos trabalhadores brasileiros; se houvesse decência e investigação séria no país, deveria ser um dos focos principais de levantamento das falcaturas e imoralidades cometidas por esse governo e seus apaniguados.

A decisão do TSE de suspender a cobrança, feita em favor do PT, na folha de pagamento dos ocupantes de cargos de confiança no serviço público, revelou que são mais de 16 mil os cargos vinculados ao PT, que certamente em sua maioria são ocupados por elementos oriundos da CUT. Esse é o culminar do projeto oportunista de 25 anos da trajetória do PT – sua



Passo à passo, os trabalhadores retomam o caminho da luta classista

estratégia e tática fracionistas, a criação da CUT utilizada como trampolim político para ocupação de postos no Estado burguês, a adesão dos falsos partidos comunistas (PCdoB, PCB) e outros partidos ao projeto eleitoreiro de Lula. A participação da central na composição do atual governo em aliança com o capital financeiro, grandes burgueses e latifundiários, está é a serviço do imperialismo e de interesses totalmente contrários aos dos trabalhadores. Aliás, desde o seu nascimento, quando teve posições combativas para ganhar força, a CUT foi e ainda é financiada pela burguesia européia (social-democrata e democracia cristã). Hoje a burguesia européia está colhendo os seus investimentos! O próprio Delfim Neto cantou a pedra em entrevista recente quando revelou que na época da prisão de Lula, durante a greve dos metalúrgicos do ABC em 1979, o ideólogo do regime militar, general Golbery, declarou que deveriam ter essa liderança em alta conta, pois se tratava de uma liderança operária não marxista.

Por tudo isso, consideramos que passou do momento de, se ainda tem algum setor classista dentro da CUT, romper com o burocratismo, a dependência do Estado e da burguesia, que é a marca da central e desmascarar radicalmente esses oportunistas e organizar um verdadeiro movimento sindical classista.

O que a CUT conquistou esses anos todos para a classe? O que a CUT avançou em nível de consciência e organização dos trabalhadores? NADA! O que a CUT de fato conseguiu foi colocar os trabalhadores numa camisa de força para ajudar a burguesia e o imperialismo a retirar mais direitos e explorar ainda mais o povo.

O governo Lula, apoiado pela direção da CUT, MST, Une e Ubes, não é nada mais do que um plano de salvação desse Estado corrupto



Luta combativa dos rodoviários de BH arranca jornada de 6 horas

e podre da burguesia, dos latifundiários e do imperialismo. A atual onda de denúncias de corrupção contra a cúpula do PT, membros do governo, dos partidos aliados e parlamentares, mostra que eles, como todos os governos anteriores, continuam na mesma lama que é a tônica de todas gerências deste podre Estado brasileiro. Seria de dar gargalhadas, se não fosse pura zombaria da desgraça do nosso povo, a CUT, MST, Une e Ubes dizer que a crise é armação das elites para desestabilizar o governo Lula.

Para se antepor aos ataques da patronal e do governo, o dever dos sindicalistas classistas é organizar o amplo sentimento de revolta que vai se levantando contra a podridão do sistema e os cortes dos poucos direitos que os trabalhadores ainda têm. É necessário desmascarar os oportunistas que traem e vendem os interesses das massas, que defendem privilégios de uma minoria, que estendem idéias e influências burguesas e que, na realidade, são agentes da burguesia.

Toda essa podridão, que espirra pra todo lado, revela que não existe uma verdadeira República e nem democracia no país; ao contrário do que propalam os partidos oficiais e o monopólio da mídia.